

**V Jornadas de Investigadorxs en Formación**  
**Instituto de Desarrollo Económico y Social (IDES)**  
**Ciudad de Buenos Aires, 7, 8 y 9 de octubre de 2020**

EJE 13. Las formas de lo político en la literatura sudamericana contemporánea

**Antes da forma, a força: a literatura testemunhal como política de memória**

Mariana Carneiro de Barros<sup>1</sup>

**Resumo**

O texto trata da análise de formação como um sentido que constrói o saber da experiência e parte de duas obras literárias latino americanas, “Os que bebem como os cães” do brasileiro Assis Brasil e “La casa de los conejos” da argentina Laura Alcoba, para pensar outra possibilidade política calcada nas dinâmicas de memória e na interrupção da violência perpetrada pelo estado.

**Palavras chave:** Literatura - memória - política

O que temos senão a palavra como memória? Partindo de uma concepção arqueológica da história, que possui na memória da disposição das palavras que formam a narrativa o seu caminho epistemológico, percebemos que a literatura carrega a função escavadora de fazer surgir de uma história monumental “produzida por um nacionalismo eufórico”, nos dizeres de Raul Antelo (1997), uma história outra, calcada na ideia de origem como lugar da verdade sendo ela mesma o valor de uma inversão de relações de forças, “um vocábulo retornado e lançado contra seus usuários, uma dominação que declina, se distende e se envenena a si mesma enquanto, outra, mascarada, faz sua entrada” (Foucault, 1994: 16-156).

Trabalhamos com a ideia de experiência da linguagem como contínua e sempre em formação, a língua como expressão da constituição de si e do mundo que paradoxalmente acontece num

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de pós graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), maricbarr@yahoo.com.br.

sentido nacional para se tornar universal a ponto de se manifestar como literatura. Assim, a política contida na escolha de vislumbrar o saber da experiência como formação sugere a interrupção da repetição da lógica monumentalista da história, onde o nacionalismo forma o sujeito numa perspectiva linear de tempo inserida numa regra de ordem anterior e evolutiva que estabelece o passado como movimento retrocedido e fixado numa coleção de acontecimentos datados pelo poder dominante. Portanto, a língua vista sob esse prisma da formação confere ao discurso uma “dimensão ética intransferível” (Antelo, 1997).

Nessa esteira da ética como escolha metodológica, a literatura testemunhal traz a experiência de um outro e, como o saber da experiência não pode ser separado do indivíduo concreto em que encarna (Antelo, 1997), deve ser espaço e prática de passagem da experiência ao outro de forma a suscitar um conhecimento que se dá pelo ser afetado e que:

Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo que é, por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência do outro ao menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tomada como própria. (Larrosa, 2001: 8)

Nossa proposta é ler Antelo (1997) quando cita Humboldt e entender a literatura não como um documento de existência (o que acarreta, antes ou depois, concepções monumentalistas da cultura), mas como formação do mesmo viver comum, um saber da experiência tão impossível como necessário. Neste sentido é preciso lembrar de Benjamin (2016) ao sugerir que a saída política para escapar das narrativas das histórias oficiais calcadas no apagamento e silenciamento dos que são vítimas da barbárie – os vencidos - é “escovar a história a contrapelo”.

A tarefa é permitir que através da pesquisa das obras de literatura testemunhal possamos extrair o inenarrável como forma de conhecimento, a violência e horror das ditaduras na América Latina como o “arabesco” suscitado por Antelo (1997) ao perceber, com as leituras de Alexander Humboldt, que as mesmas figuras aparecem em civilizações muito distintas e que a existência de uma “língua perdida” envolta nas sombras do abismo existente entre palavra e significação, som e significação, se situa no espaço vazio da experiência como narrativa uma vez que a mesma é formação do ser e do mundo, simultânea e paradoxalmente e, assim, permite uma saída ao excludente binarismo de vazio e plenitude: “a ideia de literatura como instituição flutuante, situada nos umbrais de toda legalidade.” (Antelo, 1997).

Nesta dimensão da literatura, trataremos a língua contida nas narrativas como meio que forma os sujeitos e que, por sua vez, formam essa mesma narrativa de maneira a não haver transmissão de uma memória, mas sim a transferência por meio de um modo de passagem. Meu intento é pensar a experiência transferida pela literatura testemunhal como revivida na forma do eterno retorno da violência institucional que inaugurou de forma substancial os processos de colonização nos países da América Latina e ao mesmo tempo - “mesmo que não sejamos herdeiros diretos do massacre, se não somos privados da palavra e se podemos exatamente fazer desse exercício da palavra nosso campo de ação, então a nossa tarefa seria, talvez - reestabelecer o espaço onde se possa articular uma espécie de “terceiro”, um campo de possível fora do binômio torturador e torturado, algoz e vítima, e assim devolver ao mundo algum sentido de humano” (Lima, 2016: 52)

Esse ponto perseguido mas nunca capturado por inteiro, vislumbrado, não delineado - pois os limites são borrados pela própria ação da caneta no papel - relaciona-se com o tempo da experiência do clandestino e o tempo de sua memória pois, assim como Walter Benjamin (2016: 35) quando refere-se à Literatura, “não se trata de apresentar as obras das Letras no contexto de seu tempo, mas no tempo em que elas surgiram, e fazer uma apresentação do tempo que as reconhece, sendo que este é nosso próprio tempo.” Dizer sobre a memória do clandestino como perspectiva prática teórica é também dizer sobre o tempo de uma política: a de deslocar o tempo da memória e trazer o que foi para o presente, e esse nunca é um lugar seguro.

A literatura fragmenta o tempo pela memória, através dela e, ao invés de reuni-la num centro qualquer, destrói a possibilidade de permanência no sentido da estagnação tendente a se perfazer numa noção linear do tempo do evento. “(...) a essência do tempo é uma co-essência que atua, que se ativa, no presente de uma leitura”(Antelo, 2007: 59). O tempo da memória clandestina antes de ser lembrado na narrativa já se encontrava à margem. À margem do relógio, à margem das imagens, à margem de suas casas, à margem da própria lembrança e de todo o esquecimento. Em “Tempos de Babel”, Raul Antelo (2007) propõe uma outra política do tempo ao tratar da história cultural e atentar para uma “participação temporal na temporalidade”.

O trabalho de transferência das memórias marginais em planos espaço temporais onde a estratégia de apagamento de outras vozes detentoras dessas memórias atua, provoca como contraponto (também espaço temporal), a (re)construção de um lugar (ainda marginal) destinado às narrativas que foram capturadas pelo esquecimento. Em que medida a literatura testemunhal possui o condão de desencapsular essas memórias? Os relatos rememoram?

Mi madre se decide finalmente a explicarme, a grandes rasgos, lo que pasa. Hemos tenido que dejar nuestro departamento, dice, porque desde ahora los Montoneros deberán esconderse. Es necesario, ciertas personas se han vuelto muy peligrosas: son los miembros de los comandos de las AAA, la Alianza Anticomunista Argentina, que “levantan” a los militantes como mis padres y los matan o los hacen desaparecer. Por eso debemos refugiarnos, escondernos, y también resistir. Mi madre me explica que eso se llama “pasar a la clandestinidad”. “Desde ahora viviremos en la clandestinidad”. Esto, exactamente, es lo que dice (Alcoba, 2007: 9).

O relato acima é sobre a infância de quem viveu num espaço que deveria ser oculto e secreto. Se tal lugar fosse desvelado, o alerta era constante, a morte chegaria para todos. As memórias dessa fase viriam muitos anos depois em forma de livro e em forma de rememoração num relato do passado com a intenção de integrá-lo ao presente de uma escuta e aponta para uma ação política, ao mesmo tempo que resguarda algo do involuntário da lembrança. Ao dirigir-se a Diana – militante dos montoneros responsável pela empreitada de transformar uma casa em esconderijo, cuja filha desapareceu durante o ataque à casa e a quem o livro é dedicado – Laura (2007) estabelece confiança com um sentido outro de tempo, do kairós. Agora é a criança que retorna para narrar a experiência de habitar numa casa onde se criam coelhos e, ao mesmo tempo, se escondem armamentos de guerrilha. A novidade : a narrativa transpõe o tempo e o corpo. Laura (2008) aos quarenta anos escreve em primeira pessoa mas, agora, tem sete anos. Os tempos verbais todos num presente da infância escritos pelo corpo de uma adulta. A abertura da narrativa desenhando uma outra concepção de História, a mesma imaginada por Walter Benjamin, aparece na escrita de Laura pois uma narração aberta que permite não encerrar a imagem do passado numa única constatação, mas modificá-la. São tempos e corpos entrecruzados no momento da memória, ou melhor, da rememoração.

A reconstrução ficcional fornece densidade particular e própria ao testemunho autobiográfico e reconstrói os olhares de uma menina, o que só se pode fazer na ficção do presente. A autora colocou-se, ao escrever no atemporal, em disponibilidade presentificada para recriar atmosferas de angústia, dor, medo e, de certa forma, pôde se colocar em perigo, mais uma vez. Narrar o passado, no sentido da historiografia genealógica proposta por Foucault (1979) a partir de Nietzsche, leva em conta as idas e vindas de memórias que estabelecem a ideia de uma outra História com atravessamentos para além dos forjados pelos que exercem o poder no âmbito dessa mesma História: luz nos relatos de quem viveu na clandestinidade.

A atividade proposta por Laura de relembrar suas imagens de intimidade na casa em que viveu durante parte de sua infância reúne os dois sentidos da rememoração que mencionei anteriormente: 1) um sentido intencional de lembrar para não esquecer com a manutenção do passado que foi, ainda sendo no presente e por isso passível de transformação (o enigma do

passado presente) e 2) um sentido involuntário, à semelhança do que propõe Proust ao tratar da dinâmica entre lembrança e esquecimento e que, por ser involuntário, impescinde de qualquer estratégia política ou coletiva.

Pero antes de comenzar esta pequeña historia, quisiera hacerte una última confesión: que si al fin hago este esfuerzo de memoria para hablar de la Argentina de los Montoneros, de la dictadura y del terror, desde la altura de la niña que fui, no es tanto por recordar como por ver si consigo, al cabo, de una vez, olvidar un poco (Alcoba, 2008: 7).

Esse “esquecer um pouco” aponta, uma vez mais para ideia da crítica, ou melhor, da condenação de Nietzsche ao historicismo como ciência burguesa da história. Esquecer, numa nova concepção da história, também deixa marcas. Marcas de recomeço e de retomada. A canção de Nelson Angelo Cavalcanti, do pessoal do Clube da esquina, que diz que “o esquecer era tão normal que o tempo parava” (com o tempo parado não existe passado, presente e futuro, por isso as angústias e dores não retornam, não são revividas ou projetadas, mas são recolocadas num novo curso). Esquecer é um proceder ativo, denota uma escolha e nesta noção positiva nos coloca frente à noção de esquecimento feliz presente num dos escritos de Walter Benjamin. É famosa essa cena evocada por Benjamin: a mãe que senta ao lado da criança febril e começa a contar-lhe uma história que possui o ritmo semelhante ao das mãos que afagam: a dor era uma barragem que só de início resistia à narração; mais tarde, quando esta se fortalecia, a dor era solapada e levada de roldão no abismo do esquecimento (Gagnebin, 2014).

É neste sentido de atravessamento espaço temporal de passado e presente que Jeane Marie Gagnebin (2014) se aproxima mais uma vez de Walter Benjamin. A autora, no texto em que responde à pergunta “esquecer o passado?”, chama a atenção para a noção de tempo (kairós) que Benjamin adota ao falar de ação política. A ação política de rememorar o passado corresponde à ideia de estar disponível aos acontecimentos, isto é, ser atravessado e afetado e não da soberania da consciência coletiva. A rememoração é coletiva e política mas resguarda suas fontes numa teologia do lembrar. O que quer dizer que a rememoração tem o condão, sim, de transformar o passado no presente:

[...] Assim (a rememoração) permite também a apreensão do passado pelo presente. Com efeito, se o passado é findo, acontecido (vergangen), e é, nesse sentido, imutável, ele continua porém a ter sido (gewesen), a passar, a perdurar no presente. Esse estatuto “enigmático” do passado presente se transforma quando os sujeitos históricos do presente dão ao passado uma outra interpretação e o transmitem (überliefern) – contra o “conformismo da tradição” (Tradition) [...]. A apreensão do passado pelo presente se dá quando a continuação da História deixa de se inscrever no esquema narrativo (e prático) ditado por essa razão dominante (Gagnebin, 2014: 262).

Esta não centralidade do tempo datado, do tempo cronometrado, indica o anacronismo de uma experiência narrada do vivido. A narrativa desta memória, o seu ponto de impulso, é o fragmento da memória, isto é, uma história que na ficção do passado se torna testemunho arqueológico e reaparece em tempos e espaços distintos, como primeira vez. Essa linguagem da “verdade histórica” está “muito mais na novelística do que no próprio relato dos fatos que constituem a história reconhecível como tal” (Sábato, 1975). É com as palavras de Ernesto Sábato que Assis Brasil (1975) abre sua obra “Os que bebem como os cães”, reconhecendo, ao narrar a experiência do clandestino prisioneiro, um tempo outro na cadência de três cenas que compõe o ritmo desencadeador de uma temporalidade do anacrônico: a cela, o pátio, o grito.

Estar à margem do tempo acordado socialmente provoca no personagem, ora narrador, ora não, o esquecimento do passado, do presente e do futuro. A morte do sujeito clandestino começa com a morte do tempo para ele, a morte do seu próprio tempo. É o esquecimento imposto como o tempo interrompido e no confinamento da prisão (a cela), ele pensa o “lá fora” como única possibilidade de existência mas, logo em seguida, questiona se, de fato, o “lá fora” existe.

O dentro e fora cindido pela visão de um pedaço do céu faz do pátio uma espécie de cripta onde vários atravessamentos temporais fazem passagem. No pátio, se vê e se é visto, os prisioneiros se entreolham na hora do banho, todos podem mirar o mesmo céu e os guardas passam com os corpos dos companheiros mortos ou quase mortos. A realidade da prisão é intensa nesses momentos. A estratégia do calar a boca à força acontece: “abriu os olhos e pôde ver em frente: uma fila de homens, todos amordaçados como ele, eram o seu espelho: estava ali para as mesmas coisas” (Brasil, 1975: 11).

O grito no pátio inicia a costura de seu próprio relato e as primeiras palavras que escuta na prisão são os gritos dos outros prisioneiros no pátio. Essas primeiras palavras dão o impulso inicial na criação de sua memória, que havia sido totalmente perdida, talvez pelo trauma das torturas, talvez pelo tempo demasiado em que se encontrava em situação sub humana, o personagem não se lembra mais.

Ao escutar o companheiro gritar a palavra “mãe!” toda a cadeia de pensamentos interrompida pelo vazio, situada em algum lugar escuro e sombrio como a cela em que se encontra, vem como enxurrada. O personagem vislumbra, então, como escolha política, o nascimento de outro tempo que já não se pode esquecer pois ele se encontra numa anterioridade de si mesmo: o tempo da narrativa, o tempo oportuno.

Já em seara de conclusão, busco mais um sentido ou um não sentido para o arranjo dessas narrativas literárias e menos um “raciocínio” ou um “argumento”. Essa escolha acontece antes pelo entendimento de que as palavras produzem sentidos, criam realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Michel Foucault, no pequeno texto “A escrita de si”, acessa essa concepção do sujeito da experiência – da experiência da escrita – quando coloca que o sujeito que escreve deve estar aberto à sua própria transformação. Em outras palavras: a experiência é revivida e tomada própria através do exercício de memória que acontece enquanto se escreve.

Assim, seguimos no saber da experiência, ou seja, naquele que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando ao acontecer do que nos acontece. Não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. Do mesmo modo a narrativa sobre o clandestino também não possui um caminho até um objetivo previsto.

O clandestino como espaço, lugar ou modo de ser possibilita inúmeras abordagens do significado deste termo nos diversos deslocamentos da língua dos que viveram a experiência – através de suas narrativas – mas ainda com referência à posição marginal na qual as vítimas das ditaduras do cone sul agiam frente ao sistema imposto. Vista sob a perspectiva minha escrita também aponta para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver nem pré-dizer. Nas palavras de Antelo (1997) “nem puramente discursivo, nem simplesmente teórico, o bizarro e o paradoxal da empresa é eminentemente prático-político: representar o vazio do presente”.

## **Referências**

Alcoba, L. (2008). *La casa de los conejos*. Edhasa.

Antelo, R. (2007). *Genealogia do vazio*. In: *Transgressão e Modernidade*. Ponta Grossa: Ed.UEPG.

Antelo, R. (2007). *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. Lumme Editor.

Benjamin, W. (2016). *História da literatura e ciência da literatura*; tradução Helano Ribeiro; Manoel Ricardo de Lima. - 1.ed. - Rio de Janeiro: 7 letras.

Bondia Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online], 19, 20-28. ISSN 1413-2478.

Basil, A. (1975). *Os que bebem como os cães*. Círculo do livro.

Foucault, M. (1994). *Nietzsche, la généalogie, l'histoire*. In: Dits et écrits. Gallinard.

Gagnebin, JM. (2014). *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34.